

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo principal investigar as implicações envolvidas no processo da adoção tardia a partir da análise dos discursos de pais adotantes, mães adotantes e filhos adotivos. Todos os participantes da pesquisa, adotantes e adotivos, manifestaram seu desejo de que a adoção, em especial a adoção tardia, seja difundida e vista, não como uma situação problemática, mas como algo que pode dar certo para ambas as partes, filhos e pais.

Partimos do pressuposto, baseado nos escritos de Smith e Miroff (1987), de que a adoção é definida como uma invenção social que permite o estabelecimento de relações entre pessoas que exercem o papel de pais e filhos, sem estarem ligados biologicamente. A adoção passa a ser entendida como algo natural que possa suprir, afetiva e amorosamente, o vazio dos pais sem filhos e dos filhos sem pais. Quando se apresenta a impossibilidade de gerar filhos biológicos, a adoção concretiza o desejo de construção de uma família, estabelecendo uma semelhança entre a família adotiva e a família biológica. Tanto a criança quanto os pais têm um papel fundamental na estrutura dessa nova família.

De acordo com Weber (1995), no caso da adoção tardia, a criança traz consigo, ao entrar na nova família, um passado, uma história de vida que, pelas próprias circunstâncias de abandono, lhe inculcaram cicatrizes e marcas de uma formação social já iniciada. Por outro lado, a adoção tardia sonega aos pais adotantes a vivência de um ritual dos cuidados dispensados a um bebê desde os seus primeiros dias de vida. Para Camargo (2006), essas expectativas sonhadas, e realizadas na maternidade biológica, são as mesmas encontradas nos pais postulantes à adoção, razão pela qual optam primeiramente pela adoção de bebês.

Na adoção tardia, a insegurança relativa ao passado da criança constitui um dos maiores entraves para o desligamento de inúmeras crianças dos abrigos onde vivem. Inegavelmente a maioria das crianças, acolhidas em abrigos, ali chegaram porque foram afastadas do convívio da família biológica por razões suficientemente fortes para romper com essa convivência. Essa situação envolve o

medo dos pais adotantes da “sombra do passado” dessa criança, para eles uma estranha, com seus segredos, seu mundo particular do qual eles nunca fizeram parte. Essa ideia dos pais de uma exclusão parcial na vida daquela criança, que querem como filha, deixa-os inseguros quanto aos seus próprios sentimentos como pais, assim como aos da criança em relação afetiva entre pais e filhos que paralisa, em muitos casos, o processo de adoção.

A adoção tardia impede que os pais adotantes, dentro do seu círculo social, se vejam vestidos de pais biológicos, como poderiam fazer, caso adotassem um recém nascido. Sua criança já “nasce” para eles, tendo uma história, um passado do qual não fazem parte.

Dentro das muitas manifestações de preconceito em relação à adoção, o preconceito racial dificulta ainda mais o acolhimento de uma criança, pois, mesmo distante do seu meio social, seu “segredo” seria revelado uma vez que as diferenças étnicas não poderiam ser camufladas. Segundo Weber (2007), a tentativa de igualar a cor da pele entre pais e filhos seria um mecanismo de defesa dos pais, de uma realidade que querem esquecer: - a impossibilidade de gerar filhos biológicos, tal como vêem os casais com filhos.

Na nossa pesquisa, pudemos constatar que, em todos os casos analisados, o fator preponderante que motivou a adoção foi o fato de não poder gerar filhos biológicos. Admitir-se como infértil, é um fato citado pelos participantes que percorrem um longo caminho, um processo doloroso, lento, de tentativas e frustrações. Somente após a constatação da impossibilidade de gerar um filho biológico, é que pais e mães optaram pela adoção, realizando dessa forma o desejo de ter filhos. Esse desejo, em todos os casos, se sobrepõe à frustração de gerar filhos biológicos. Formar uma família é, para os entrevistados, uma maneira de se tornarem completos, tal como vêem os casais com filhos.

Outra manifestação comum a todos os entrevistados sejam eles adotantes ou adotados, foi o preconceito no seu grupo social. Percebe-se que o sucesso de um processo de adoção passa pela capacidade que adotados e adotantes demonstram diante das mais diversas situações de preconceito que possam vir a enfrentar. O próprio filho demonstra preconceito em relação à sua condição de adotado, quando se sente aliviado pelo fato de seu pai ser transferido para uma cidade onde ninguém sabe de sua história de vida.

Alguns casais relataram toda a sua angústia e insegurança no que se refere às questões jurídicas que enfrentaram no processo de adoção. A demora, a falta de informações e o descaso acarretam grande sofrimento àqueles que estão ansiosos pela chegada de seu filho. Recorrer aos grupos de apoio à adoção permitiu-lhes trocar experiências nesses momentos de difícil espera, assim como tornar-se mais flexíveis, especialmente quanto ao perfil do filho desejado, admitindo a adoção de uma criança maior no lugar do bebê, antes pretendido.

Podemos concluir, portanto, que pais e mães candidatos à adoção necessitam de um suporte emocional que lhes permita vivenciar as diversas etapas do processo de adoção e, mais tarde, da construção de filiação. Esse suporte pode ser encontrado nos grupos de apoio à adoção, onde conhecerão pessoas vivenciando experiências semelhantes.

Outro dado importante encontrado em nosso estudo diz respeito à criança na nova família. Nem sempre, conforme relato da maioria dos entrevistados, o primeiro contato dos pais com a criança desperta em ambos um verdadeiro encontro. Os sentimentos de aceitação mútua e de identificação são cultivados ao longo da convivência. Essa elaboração de uma real filiação requer ainda mais habilidade quando se trata da adoção tardia.

A adaptação da criança à nova família passa por dificuldades reais, com características múltiplas, requerendo paciência e amor para lidar com tudo aquilo que a criança traz da sua vida anterior à nova família. Os pais mesmos, surpreendidos pelo inesperado comportamento agressivo de seus filhos, demonstraram habilidade, firmeza e, sobretudo, muito amor no manejo de uma situação que poderia ter sido desestabilizadora para a família. Souberam aceitar a criança real no lugar da criança idealizada por eles. Segundo Levy (2009), as crises surgidas nesse novo relacionamento não são tão diferentes daquelas vividas em famílias com filhos biológicos.

Quando os pais sobrepõem o vínculo afetivo ao desejo de cuidar de uma criança, as dificuldades serão atenuadas e serão conduzidas de forma a fazer a criança sentir-se acolhida e amada. Cabe aos pais abrir espaço para que a criança fale de seu passado, se ela assim o desejar. Esse desejo pode ser demonstrado nas entrevistas. Aquelas crianças, cujos pais sentiam-se desconfortáveis diante do relato de algo referente ao seu passado, passaram a falar sobre este entre si, no

caso de dois irmãos adotados pela mesma família ou com o profissional que as acompanhava.

A criança, quando fala sobre sua família de origem, pode defender-se da dor do abandono e da perda criando uma mãe biológica ideal, sobre a qual desenvolve suas fantasias. O mesmo pode ocorrer em relação à mãe adotiva super valorizada pela criança que teme vir a sofrer um novo abandono. Diante dessa multiplicidade de sentimentos que a criança adotada já traz na sua curta, porém, significativa história de vida, cabe aos pais adotivos demonstrarem disponibilidade, interesse e compreensão para o relato da criança.

Além da sua história com a família biológica, a criança adotiva tem ainda a experiência de sua passagem pelas instituições, muitas vezes marcada por atos que feriram a sua dignidade e lhe imprimiram marcas profundas. Ainda sim, essa criança sonha que um dia possa fazer parte de uma família.

A partir dos casos acompanhados nesse trabalho, vimos o quão importante é para a criança manter um vínculo com alguém da sua família biológica, ainda que por meio de uma narrativa.

Os cinco casos em que a adoção ocorreu com grupo de irmãos, demonstraram quão significativo é para a criança manter a fratria intacta. Essas crianças tiveram um processo de adaptação bem mais fácil e rápido que as crianças adotadas isoladamente.

Por fim, reafirmamos a relevância do aprimoramento do trabalho com os pais postulantes à adoção, o que já é uma exigência legal. Tal trabalho permitirá um entendimento da importância de não se desfazer os vínculos entre irmãos, mantendo-os, quando possível, na mesma família ou em famílias que lhes permita um convívio freqüente.